

Alegrias Secretas da Leitura Su-per-len-ta

Um grande livro, como um bom vinho,
deve ser degustado aos
poucos para ser devidamente apreciado

SYDNEY PIDDINGTON

MESMO para o trepidante mundo da publicidade, aquele foi um dia frustrante e cheio de tensão. Levei para casa uma montanha de problemas. Um importanté contrato esteve em perigo de ser perdido no último instante; dois executivos de uma companhia com quem esperávamos firmar um acordo estavam fugindo de mim; e uma greve ameaçava o início de um negócio que envolvia o meu dinheiro e o meu futuro.

Quando, naquela noite quente e úmida, finalmente consegui me sentar, parecia não haver qualquer solução para os problemas que se

agitavam em minha cabeça. Peguei então um livro, instalei-me numa cadeira confortável, e apliquei minha única terapia especial — a leitura superlenta.

Gastei três horas em dois pequenos capítulos da *Personal History*, de Vincent Sheean, saboreando cada parágrafo, retardando-me numa oração, numa frase, ou mesmo numa única palavra, construindo mentalmente um quadro detalhado da cena. Dentro em pouco, era como se eu estivesse em Sydney, na Austrália, numa noite de opressiva onda de calor. Detendo-me em todas as palavras, juntei-me ao correspondente estrangeiro Sheean, em uma de suas missões à China e à União Soviética. Perdi-me no mundo do autor, vivendo seu livro. E, quando finalmente o pus de lado,

SYDNEY PIDDINGTON é sócio de uma firma de publicidade, a Telenews Proprietary Ltd., em Sydney, Austrália.

verifiquei, surpreendido, que minha mente estava totalmente descansada.

Na manhã seguinte, três palavras do livro («tenha vistas largas») não me saíam da mente. Em minha mesa de trabalho, examinei demoradamente meus problemas. Concluí que, a qualquer momento, a tal greve acabaria e, assim, estabeleci planos concretos sobre o que fazer depois. Os dois diretores teriam que me ver, mais cedo ou mais tarde; se não, acharia outros clientes. Isso me deixou livre para me concentrar no ponto principal — salvar o contrato. Mais uma vez, a leitura superlenta me proporcionara não só prazer, mas perspectivas, e tinha me ajudado nos assuntos cotidianos.

Eu descobrira sua importância há alguns anos, no infame campo de prisioneiros de guerra, Changi, em Cingapura. Tinha então 19 anos, e era sargento de artilharia, quando a cidade caiu nas mãos dos japoneses, a 15 de fevereiro de 1942. Esperando a partida, com outros prisioneiros de guerra australianos, tentava decidir o que devia levar no pacote permitido. O único limite era o que poderia um homem cansado transportar nos 27 quilômetros até Changi. Nosso oficial sugeriu pensativamente: «Cada homem devia achar lugar para um livro.»

Assim, meti no meu pacote um exemplar de *A importância de viver*, de Lin Yutang (um título bastante irônico, para o momento), e iniciei um hábito de leitura destinado a preservar minha sanidade mental

nos três anos e meio seguintes. Anteriormente, quando estava realmente interessado num livro, saltava de uma página para a outra, ansioso por saber o que vinha depois. Então, tinha decidido me tornar um avaro de palavras, e a prolongar cada oração como um falido gastando seu último centavo.

Durante os primeiros dias em Changi, tirei o livro do meu pacote três ou quatro vezes, contemplando somente a capa, a encadernação e a ilustração. Finalmente, certa noite, qual o sol se pôs, deambulei pelo pátio, sentei-me numa pilha de madeira e, sob a claridade das luzes da prisão, abri lentamente o livro na página do título e no frontispício. Gastei três «sessões» no prefácio, depois duas noites inteiras no índice (três páginas e meia de capítulos encabeçando subtítulos fascinantes) antes mesmo de chegar à primeira página da história. Noite após noite, sentei-me ali com o meu tesouro. Meus companheiros de prisão conversavam, jogavam cartas, passeavam à minha volta. Eu estava absorto. Mergulhava tão completamente no meu livro que, por vezes, meus amigos mais próximos pensavam que tinha perdido a cabeça.

Meu objetivo inicial era fazer o livro durar. Mas, no fim da segunda semana, ainda na página dez, comeci a compreender o quanto estava ganhando da própria leitura superlenta. Algumas vezes, uma única frase despertava minha atenção, outras vezes era uma oração.

Eu a lia devagar, passava a analisá-la, tornava a lê-la, talvez mais lentamente agora — e então me sentava por vinte minutos, pensando nela antes de continuar. Era como um pianista estudando uma partitura musical, frase por frase, repetindo-a, tentando descobrir e recriar exatamente o que o compositor tinha tentado transmitir.

Difícilmente se pode absorver tão intensamente uma narrativa. Quando Lin Yutang descrevia a preparação do chá para uma festa, eu podia ver o fogo de carvão, ouvir o tilintar das finas xícaras, quase degustar o delicado sabor do chá. Penetrava tão profundamente no livro que ele se tornou, para mim, não um amontoado de palavras, mas uma experiência viva.

Levei mais de dois meses para ler o livro de Lin Yutang. Desde então, sua filosofia da preparação do chá se tornou minha filosofia de leitura: pode-se fazê-lo depressa, mas fica muito melhor se for feito devagar. Aprovei o método, mesmo antes de termos persuadido os japoneses a nos dar muitas centenas de livros da famosa biblioteca Raffles, de Cingapura.

Isso me fez ver que, enquanto meu corpo estava cativo, minha mente ficava livre para vagar pelo mundo. De Changi, «velejei» com William Albert Robinson, através do seu livro *Deep Water and Shoal*. Na minha cela superlotada, à noite, deitado no chão de cimento, me sentia adormecendo numa cabine aquecida, o barco vogando sob

meu corpo. No outro dia, estava de novo no convés, sob um temporal, e, depois de dois ou três parágrafos animados, eu segurava o leme, com o bramido do vento nos ouvidos, e com o cabelo grudado de sal. Não poderia deixar o leme até que navegássemos para as águas mais calmas do novo capítulo. Se tivesse lido com meu velho ímpeto, seria como ver o porto de Sydney de um barco ligeiro, em vez de conhecê-lo do convés do meu próprio iate.

Minha viagem me tomou exatamente oito breves semanas. Tivesse eu corrido pelo livro com a antiga velocidade, e não teria nunca vivido a abençoada fuga da realidade de Robinson, tornando-a tão vividamente minha.

Sentado numa pilha de madeira do pátio da prisão, ou de cócoras em qualquer canto desocupado, li com vagar muitas biografias, filosofia, enciclopédias e até o *Concise Oxford Dictionary*. Um dos meus favoritos era o *The Summing Up*, de Somerset Maugham. Já não me sentia num tosco monte de madeira na prisão, morrendo de fome, mas num elegante salão-de-visitas na Riviera francesa, com uma garrafa de Porto velho à mão, ouvindo um grande escritor falando, só para mim, sobre sua trajetória pela vida, comunicando-me a sabedoria que tinha adquirido.

Pelo processo da leitura dinâmica, qualquer pessoa se livraria de *The Summing Up* em cinqüenta minutos. Mas não viveria este livro com o

escritor, como eu o fiz durante as nove semanas que levei para ler suas 379 páginas. (Maugham, ele próprio um leitor lento, falou com mordacidade daqueles que «lêem com os olhos e não com a sensibilidade». É um exercício tão mecânico como abrir um jornal sem ter intenção de o ler.) Manuseei tanto *The Summing Up* que ele se desfez em pedaços sob o calor tropical. Então, reencadernei-o cuidadosamente com folhas de bananeira secas e borracha. Ainda o tenho, e é o volume mais valioso da minha estante.

Desenvolvi em Changi o hábito de copiar passagens que me sensibilizavam especialmente. Uma delas, tirada do *Ends and Means*, de Aldous Huxley, diz como o adestramento é necessário, antes que uma pessoa possa saborear plenamente qualquer coisa — mesmo o álcool e o fumo: «Os primeiros uísques parecem repugnantes, as primeiras cachimbadas viram até o mais forte dos estômagos juvenis... Os primeiros sonetos de Shakespeare soam sem sentido; as primeiras fugas de Bach parecem tediosas; as primeiras equações diferenciais, uma tortura consumada. Mas, com a continuação, o contato com um poema misteriosamente belo, com uma elaborada peça de contraponto, ou com um raciocínio matemático, nos obriga a sentir intuições diretas de beleza e significação.»

Desafio qualquer um a depreender algo de realmente significativo de um livro como este pela leitura

rápida. Seria como tocar um disco de Beethoven na velocidade errada!

Certa vez, um trecho que tinha copiado tornou-se útil no campo de prisioneiros. Nosso comandante ordenou que déssemos todas as roupas disponíveis aos nossos oficiais, para que pudessem aparecer impecavelmente vestidos diante dos japoneses. A ordem irritou a todos. Preguei, no alto do beliche, um papel com algumas palavras dos *Sete pilares da sabedoria*, de T. E. Lawrence: «Entre os árabes, não havia nenhuma distinção tradicional ou natural, exceto o poder inconsciente dado a um famoso xeque, em virtude do seu talento, e eles me disseram que nenhum homem poderia ser seu líder se não comesse da mesma comida, usasse as mesmas roupas, vivesse da mesma forma e que, no entanto, fosse melhor por si mesmo.»

Nessa noite, centenas de pedaços de papel com essas palavras escritas foram espalhados por todo o campo de Changi. O assunto estava encerrado, e um possível conflito desagradável tinha sido evitado.

Além de ter-me dado o desejo de sobreviver em Changi, a leitura lenta me ajuda hoje em dia. Certamente que a leitura superlenta não é para o homem que desentulha sua pasta de trabalho, ou que lida com uma enxurrada de papéis sobre sua escrivaninha. Posso ler superficialmente um memorando trocado entre empresas tão depressa quanto qualquer pessoa. Mas quando tiver que enfrentar um problema real, para limpar minha mente da con-

fusão do dia-a-dia, hei de sentar-me calmamente em casa e, lentamente, penetrarei em outro mundo através da leitura.

Como escreveu Lin Yutang: «Há dois tipos de leitura, um por alto, por necessidade profissional, e outro por prazer. O segundo tipo participa da natureza de um secreto deleite. É como um passeio a pé pela floresta, ao invés de uma ida ao mercado. A gente traz para casa, não latas de tomates em

conserva, mas um rosto brilhante e os pulmões cheios de ar puro.»

Isso é leitura superlenta. Experimente-a. Como li em algum lugar, um homem só é pobre quando não sabe de onde virá o seu próximo livro. E, se puder tirar de um livro tudo o que o autor pôs nele, então, você pode ter certeza de que será, realmente, uma pessoa feliz, pois aliou o prazer da leitura ao enriquecimento simultâneo do seu próprio patrimônio cultural.



Hora das crianças

UM HOMEM estava colocando a estrela no topo da árvore de Natal quando a escada cedeu. Caiu no chão, sem se machucar. A filha de quatro anos, acostumada com a televisão, pensou que ele fizera aquilo de propósito e riu gostosamente. Depois pediu: «De novo, papai, mas em câmara lenta.»

— G. G.

UM GAROTINHO de quatro anos estava na janela da sala-de-visitas, fascinado pelo espetáculo dos grandes flocos de neve caindo e embranquecendo o chão. Subitamente, virou-se para a mãe e perguntou: «Este programa se repete amanhã de tarde à mesma hora?»

— E. C. Z.



PARA ASSINALAR a visita da rainha à nossa unidade da Força Aérea Real Britânica, foi decidido presentear Sua Majestade com um cão-de-guarda. Durante várias semanas treinaram-no a sentar-se e oferecer a pata à rainha — lugar ocupado no treino pela senhora do ajudante-de-ordens do comandante.

No grande dia, o cão sentou-se obediente defronte de Sua Majestade durante a cerimônia. Ao ouvir a voz de comando «Aperte a mão da rainha», ele dirigiu-se compassadamente até junto da senhora do ajudante-de-ordens e ofereceu-lhe a pata.

— M. H.